

## “CHAMEM A PULÚCIA!” HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA PROGRESSIVA NO PORTUGUÊS DA MADEIRA

Carlos Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Entre os principais fonólogos do português (por exemplo, Mateus e Andrade 2000), a Harmonização Vocálica Regressiva (HVR) tem sido assumida como o único tipo de assimilação vocálica no português europeu (PE). De facto, a Harmonização Vocálica Progressiva (HVP) é concebida como, se não impossível, pelo menos altamente excepcional, quase idiossincraticamente exclusiva de entradas lexicais específicas (ibid.). No entanto, em alguns dialetos do PE, a HVP revela-se muito frequente e produtiva. Este é o caso de alguns dialetos falados na ilha da Madeira (Segura da Cruz & Saramago 1999), onde

(1) um /I/ em uma sílaba acentuada ditonga:  $\{[i] \rightarrow [ij] = |@, @| \emptyset |I, I|\}$ .

(2) se a vogal da sílaba precedente tiver um |U| elemento como sua cabeça, PVH é acionado. As consequências do processo de harmonização podem ser verificadas em realizações como a)  $[ij] = \{|@, @| |I, I|\}$  Ex.: [pu'lijsjɐ], b)  $[uj] = \{|U, U| \emptyset |I, I|\}$  Ex.: [pu'lujsjɐ] c)  $\{|U, @| \emptyset |I, I|\}$  Ex.: [pu'lujsjɐ]. A ditongação pode ser explicada como um mecanismo de atribuição de peso silábico, fazendo com que o núcleo apareça como se fosse preenchido por uma vogal longa, representada por Backley (2011: 48). O HVP é desencadeada pelo |U| element (que se comporta, a esse respeito, assimetricamente em relação a |I|).

**Palavras-chave.** Harmonização Vocálica; Peso Silábico; Ditongação.

---

<sup>1</sup> Centro de Linguística da Universidade do Porto. E-mail: [silvacarlosrogerio@gmail.com](mailto:silvacarlosrogerio@gmail.com)

## ABSTRACT

Among Portuguese mainstream phonologists (e.g. Mateus & Andrade 2000), Regressive Vowel Harmony (RVH) has been assumed as the only type of vowel assimilation in European Portuguese (EP). Indeed, progressive harmony is conceived of as, if not impossible, at least highly exceptional, almost idiosyncratically exclusive of specific lexical entries (ibid.). However, in some dialects of EP Progressive Vowel Harmony (PVH) proves very frequent and productive. This is namely the case of some dialects spoken in the Madeira island (Segura da Cruz & Saramago 1999), where

(1) an /I/ in a stressed syllable diphthongizes:  $\{[i] \rightarrow [ij] = |@, @|_{\text{Stress}} \wp |L, I|_{\text{Glide}}\}$ .

(2) if the precedent syllable vowel has a |U| element as its head, PVH is triggered. The consequences of the harmony process can be checked in realizations such as a)  $[ij] = \{|@, @|_{\text{Stress}} \wp |L, I|_{\text{Glide}}\}$  Ex.: [pu'lijsjɐ], b)  $[uj] = \{|U, U|_{\text{Stress}} \wp |L, I|_{\text{Glide}}\}$  Ex.: [pu'lujsjɐ] c)  $\{|U, @|_{\text{Stress}} \wp |L, I|_{\text{Glide}}\}$  Ex.: [pu'lujsjɐ]. The diphthongization can be explained as a mechanism of assigning syllabic weight, making the nucleus appear as if it was fulfilled by a long vowel, as represented by Backley (2011: 48). The PVH is triggered by the |U| element only (which then behaves, in this respect, asymmetrically to |I|).

**Keywords.** Vowel Harmony, Syllable Weight, Diphthongization.

## Introdução

A harmonização vocálica, tal como definida por Bussmann (1996: 518), designa “qualquer forma de assimilação qualitativa entre vogais no que diz respeito ao seu ponto de articulação”<sup>2</sup>. Este fenómeno que acontece no PE e Mateus & D’Andrade (2000: 77) usam-no para explicar, por exemplo, as diferentes realizações da vogal temática /a/ do pretérito perfeito do indicativo:

- (1) /fal+a]<sub>st</sub>i/ [fɛ'ɫɐj]  
 /fal+a]<sub>st</sub>ste/ [fɛ'lafti]  
 /fal+a]<sub>st</sub>ste/ [fɛ'lafti]



Todos estes casos em que a vogal do morfema culminativo assimila parcial ou totalmente a

<sup>2</sup> No original: “every form of qualitative assimilation between vowels with regard to their place of articulation”.

vogal que lhe antecede, tratando-se portanto de uma harmonização vocálica, de tipo regressivo,<sup>3</sup> muito produtiva na descrição fonológica do sistema verbal.

Quanto à harmonização vocálica noutras categorias gramaticais, até hoje, raramente se tinha feito referência a um processo desse tipo na descrição do português, embora Mateus & D’Andrade (2000: 47) deem conta de um caso único, não de harmonização vocálica, mas de assimilação progressiva, que explica o ditongo nasal de <muito>, no qual há uma “propagação da nasalidade da consoante inicial”<sup>4</sup>.

(2) /muit-/ [ˈmũjt̃u]



Um segundo caso de assimilação progressiva é aquele que é dado por Rodrigues (2002) e por Brissos & Rodrigues (2016), a par também de processos de ditongação das vogais tónicas nos dialetos do Porto e do Noroeste, de que é exemplo a realização de <Porto> como [ˈpɔwɐrtu] ou [ˈpɔwɔrtu], que a autora descreve como “espraiamento do nó vocálico”, em que a semivogal resultante seria uma “articulação secundária” da labialidade da consoante precedente (idem: 122), da qual não resultaria alteração do peso de sílaba.

Na sequência do levantamento dialetal feito entre maio e setembro de 2016, notamos que em vários dialetos madeirenses /l/ tónico, se realiza ora como [ij], ora como [uj]<sup>5</sup>. Este caso de HVP abrange não só verbos, mas também, nomes, preposições, adjetivos, etc, notado já por Segura de Cruz e Saramago (1999), mas que aqui será descrito de forma mais profunda à luz da Fonologia dos Elementos, que será explicitada na secção 3.

Como iremos ver, a harmonização só se dá no caso da realização [uj], o que, em termos de tipologia deste fenómeno, nos coloca perante a chamada “harmonização por arredondamento” (Asher & Simpson, 1994: 4956; Carr, 2008: 191), que existe em línguas como o Turco, mas que, neste caso,

3 Como Mateus & D’Andrade (2000), o significado que nós damos à harmonização vocálica é diferente daquele dado por Xavier & Mateus (1990: 200-201) no Dicionário de Termos Linguísticos. Neste último, as autoras classificam como “harmonia vocálica” a assimilação qualitativa de vogais adjacentes, enquanto chamam “harmonização vocálica” ao fenómeno histórico de “assimilação total ou parcial entre duas vogais não contíguas”.

4 No original: “spreading of the nasality of the initial consonant”.

5 [u] representa aqui genericamente as vogais, núcleo de ditongo, com o traço [+ arredondado], que ocorrem em harmonia com a vogal da sílaba imediatamente anterior, isto se trabalharmos num quadro autosegmental, que não é tão produtivo para explicar este fenómeno como o da Fonologia dos Elementos, como veremos.

ao contrário da mesma, não age sobre todas as vogais de uma mesma palavra. Por outro lado, o recuo é irrelevante, pois vamos ver, no mesmo contexto, realizações como [uj] e [øj], nalguns dialetos. A primeira tem como núcleo de ditongo uma vogal central e a outra até anterior, mas todas elas têm em comum o arredondamento.

Ainda em relação à realização de /I/ tónico sem harmonização, como alternativa a [ij], Ferreira (1996: 497) refere ainda [ej]<sup>6</sup>.

Porém, vamos ignorar esta hipótese de realização, pois (1) ela não foi realizada uma única vez em todas as amostras que analisamos; (2) não aparece em qualquer outra obra de análise destes dialetos; (3) sendo anatómica e cognitivamente possível, mesmo que se ponha a hipótese de ela existir numa das áreas não estudadas, a sua ocorrência não traz consequências fonológicas relevantes para o estudo em questão.

Na verdade, Segura da Cruz e Saramago (1999: 710) já haviam notado o fenómeno, tanto nos dialetos madeirenses, como nos açorianos, descrevendo-o já como “harmonização vocálica [em que] a vogal acentuada apresenta-se modificada (...) pelo timbre das vogais ou semivogais átonas que a precedem” que usam para explicar todas as ditongações destes dialetos, embora admitam que “quanto à semivogal velar [w], o seu efeito assimilatório faz-se sentir (...) principalmente sobre a vogal /i/” (*idem*: 718).

## 2. Enquadramento teórico

Visto estarmos a tratar um fenómeno que, tal como o tom, acontece a um nível infrasssegmental, os modelos lineares, isto é, o estruturalista e o generativista *standard* (Chomsky & Halle, 1968), não foram considerados adequados para a teorização deste caso de harmonização vocálica.

Por outro lado, também não achamos apropriada a Fonologia Autossegmental clássica (Goldsmith, 1976), porque, apesar de visar a descrição de fenómenos como este, usa traços tipo-SPE, ou seja, binários. De facto, este tipo de traços foi usado anteriormente para a descrição de, por exemplo, casos de harmonização vocálica por arredondamento (Asher & Simpson, 1994: 4956). Estas

---

6 Silva (1994: 39) impugna esta ocorrência, dizendo que mesmo que ela ocorra, deverá ser muito pouco frequente, com base num critério de distintividade: “trata-se do campo de dispersão (...) um falante não relaiza de mesma maneira <mia> e <meia>”.

descrições estabelecem como traço-gatilho o [+ arr], uma vez todas as vogais-alvo vão passar de [- arr] a [+ arr], contudo, não há evidência fonológica que haja um traço [- arr] a ativar a harmonização, mas apenas o [+ arr], o que nos leva a pressupor que, para representar fielmente o conhecimento linguístico dos falantes de línguas onde este fenómeno exista, é preferível usar um sistema de traços unário.

Assim, restam-nos apenas a Geometria de Traços (Clements, 1985) e a Fonologia dos Elementos. Porém, acabámos por escolher a segunda em detrimento da primeira, porque, para além de ter sido concebida especialmente para a descrição das vogais (Schane, 1984), apresenta outras vantagens em relação à Geometria de traços:

- i. Os elementos não são baseados em aspetos articulatorios, representando mais fielmente o conhecimento linguístico do falante (Backley, 2011: 2);
- ii. São sempre unários e intrinsecamente positivos (Backley, 2011: 7);
- iii. Um único elemento, ao contrário de um único traço, é realizável foneticamente/ pronunciável (Backley, 2011: 12).
- iv. Há mais traços vocálicos do que elementos (os elementos são cognitivamente mais plausíveis, porque o sistema é mais económico).

Assim, vistas estas características gerais da Fonologia dos Elementos, passamos à exposição dos elementos vocálicos que são, no modelo de Backley (2011) três: |I|- palatalidade máxima, |U|- labialidade máxima e |A|- abertura máxima, a que se acrescenta | |, que representa a ausência de elementos e que, em Angoujard (2006), é teorizado como { @ }. Este último é, como iremos ver, especialmente relevante para a descrição das vogais centrais não baixas. Para além disso, todas as vogais são preenchidas em duas posições, a de cabeça, ocupada pelo primeiro elemento, que deve aparecer sublinhada e a de operador, ocupado pelo elemento à sua direita.

Segundo Veloso (2012: 241), as vogais do PE podem ser representadas, em termos de elementos, da seguinte forma.

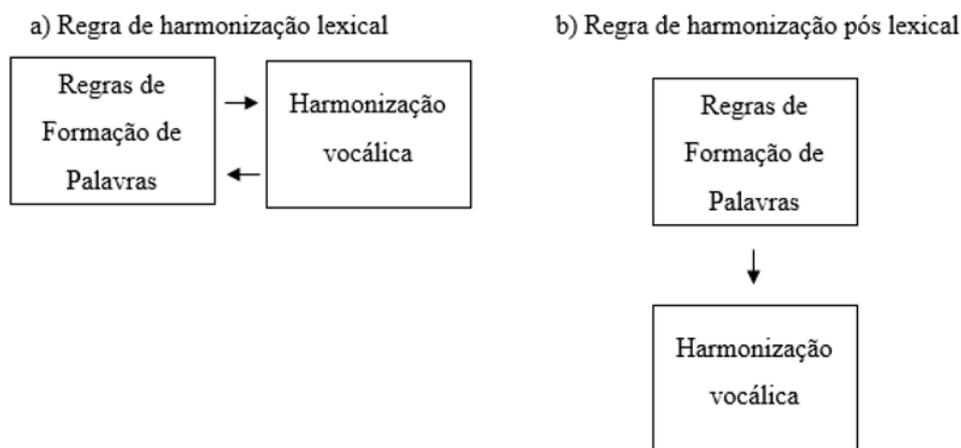
(4)

/i/	{ɪ, I}	/i/	{ }
/e/	{ɛ, A}	/u/	{ʊ, U}
/ɛ/	{A, I}	/o/	{ʊ, A}
/v/	{A, @}	/ɔ/	{A, U}
/a/	{A, A}		

Dado que a Fonologia dos Elementos pura prevê apenas a descrição do nível lexical e uma vez que a descrição deste fenômenos requer o pressuposto de que exista mais do que um nível de representação, usaremos como teoria auxiliar a Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1986).

Nesta teoria, conjectura-se, à semelhança de Trubetzkoy (1965[1939]), a existência de dois níveis principais de representação: um lexical e outro pós-lexical. No nível lexical, temos a interação da fonologia e da morfologia, no sentido em que as raízes se juntam a morfemas derivacionais e formam radicais. Nos pós-lexical, temos a interferência de fatores de ordem sintática, a concatenação de morfemas flexionais, entre outros. Contudo, uma regra como a harmonização vocálica, pode atuar num, noutro ou nos dois, como se vê em (5):

(5)<sup>7</sup>



<sup>7</sup> Adaptado do esquema de Van der Hulst & Van de Weijer (1995: 502), que em vez de lexical e pós lexical, usam os termos cíclico e pós cíclico. Para além disso, como já foi dito, segundo a aceção destes autores, a harmonização é sempre pós lexical. A inclusão de um esquema de harmonização lexical é explicada pelos mesmos na nota 11 como forma de salvaguardar o caso da harmonização vocálica em Maasai, apresentado por Levergood (1984), que nós desconhecemos.

Tendo o quadro teórico deste trabalho esboçado, partiremos agora para a explicitação da metodologia de recolha dos dados.

### 3. Metodologia

Os dados a partir dos quais foram feitas as transcrições fonéticas da tabela em que apresentamos os dados têm como base principal a recolha de amostras dialetais de centenas de minutos de fala, feita pelo próprio entre maio e setembro de 2016, gravadas com consentimento explícito dos informantes, em espaços diversos, embora sobretudo nos domicílios dos mesmos. O instrumento usado para gravação foi o programa *Audacity*.

Todas elas foram obtidas por indução, ou seja, através de uma entrevista na qual, numa conversa livre e espontânea. Nelas, pedia-se ao informante que falasse de recordações da sua infância/juventude ou das vivências da população daquela localidade. Para além disso, asseguramos a manutenção do anonimato de cada um dos entrevistados.

Os informantes tinham todos um perfil idêntico, segundo aquilo que se espera numa recolha dialetal fiável:

- aparelho fonador saudável;
- baixa ou nenhuma escolarização,
- naturalidade daquela freguesia e residência na mesma durante toda a vida;

De resto, nas freguesias onde foi possível entrevistar mais do que um falante, obtivemos os dados de falantes o mais diversificados possível no que respeita, por exemplo, ao sexo e à idade, no sentido de não incluir dados que fossem ideossincráticos.

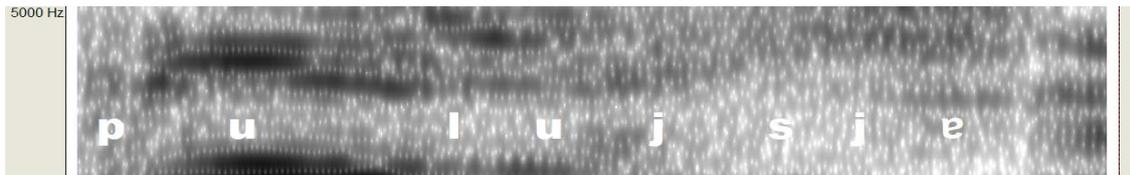
Posteriormente, passando ao tratamento do *corpus* recolhido, procedemos da seguinte forma:

- i. Audição da reprodução individual dos ficheiros;
- ii. Localização das ocorrências de palavras com /i/ em posição tónica;
- iii. Recorte dos intervalos de tempo em que essas palavras (e, por vezes, o seu contexto)

ocorriam e armazenamento em ficheiros separados;

- iv. Análise acústica/ espectrográfica dos mesmos, usando o programa *Praat*, conforme o exemplo 3;
- v. Transcrição fonética estreita da palavra (e, por vezes do respetivo contexto), de acordo com a análise dos espectrogramas.

### Exemplo 3



Como os dados foram insuficientes para cobrir o território em estudo, servimo-nos ainda de três amostras do Arquivo Dialectal da Universidade do Porto, duas relativas ao Funchal e uma ao Porto Santo, seguindo o mesmo procedimento. Servimo-nos ainda de dois textos de levantamento de marcas dialetais madeirenses (Rogers: 1946 e Silva: 1994).

Explicitada a metodologia experimental, passaremos à apresentação dos dados.

## 4. O fenómeno

### 4.1. Distribuição geográfica

Um erro que se fez durante muito tempo foi o de estudar e classificar os dialetos madeirenses como uma única unidade. Na verdade, os territórios insulares são, geralmente caracterizados por uma grande diversidade linguística, acentuada ainda mais por acidentes geográficos como o relevo.

Silva (1994) testemunha esta falha, mas ao mesmo tempo, contribui para ela:

Alguns estudiosos da língua que se debruçaram sobre o estudo deste falar regional (...) propuseram símbolos fonéticos na tentativa de representar com exatidão o som percebido. Assim, no que se refere a /i/ acentuado de <vinho> , por exemplo, Rogers considera como um ditongo e representa-o com o símbolo [øj], chegando a afirmar que se aproxima de [uj] em <dia>. Leotte Rezende e M. do Carmo Noronha adotam [ɛj] para a posição medial; Cruz Nunes transcreve como [äj] e considera a existência de uma vogal neutra palatalizada; Kätë

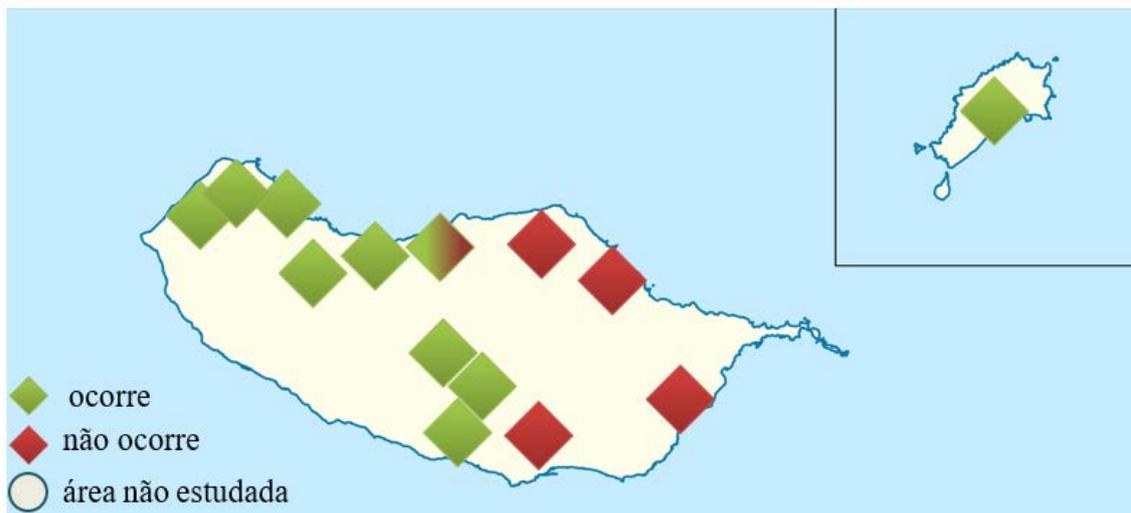
Brüdt afirma tratar-se do ditongo [ej]; Leite Vasconcelos diz ser um /i/ especial e representa-o como [i̯]. Por sua vez, Gonçalves Viana assemelha este /i/ em sílaba acentuada aberta ao <y> polaco; Pilar Vasquez Cuesta apresenta-o como uma espécie de [e] velarizado, seguido da semi-vogal [j]. Mas, [ij] é a representação mais adequada (...) apesar de haver na mesma posição a realização [i] (...)

(Silva, 1994: 39, adaptado)

Ora, tudo isto é verdade, desde Rogers a Silva, mas a realização de vogais arredondadas ou centrais em núcleo de ditongo depende mais do contexto prosódico do que geográfico e, num nível fonético, como seria de esperar, não poderia ter realizações exatamente iguais ao longo de toda a área de ocorrência, pelo que não pode existir uma “representação mais adequada”.

Como já referimos na secção anterior, o grosso deste estudo tem por base um *corpus* recolhido no terreno e, conscientes da possibilidade de variação mesmo dentro de concelhos, estabelecemos como unidade de catalogação dialetal a freguesia. Assim, no mapa que se segue apresentamos as freguesias em que ocorre e aquelas em que não ocorre o fenómeno de ditongação e harmonização que, pelo menos nas recolhas que fizemos até agora, ou ocorrem os dois, ou não ocorrem de todo.<sup>8</sup>

(6) Distribuição do fenómeno de ditongação de /i/ tónico e harmonização.



Conforme é visível no mapa, há uma clara isófona que separaria os dialetos madeirenses ocidentais e os orientais, onde não há ditongação e, conseqüentemente, não há harmonização vocálica.

<sup>8</sup> Exceto no caso do Porto Santo para o qual, contudo, não nos atrevemos a dizer que não existe harmonização por insuficiência de dados, visto que para esta freguesia (que corresponde à totalidade da ilha), cuja amostra de fala correspondeu apenas a cerca de um minuto, sem que nela ocorressem sílabas suscetíveis de harmonização, isto é, cujo núcleo da sílaba tónica fosse /I/ e a pré-tónica tivesse uma vogal arredondada [u] ou [o].

Esta linha, tem como zona de transição a Norte, a freguesia da Boaventura onde, apesar de ocorrerem estes processos, muitos dos /I/’s tónicos são simplesmente realizados como [i], e, a Sul, uma freguesia ainda não estudada, mas centramente entre a parte oriental do Funchal e Câmara de Lobos.

#### 4.2. Dados fonéticos

Na tabela que se segue, apresentamos seis exemplos da ditongação de /I/ tónico, três de realização em [ij] e os restantes três em [uj], assinalando a negrito (1) os ditongos, (2) a vogal- gatilho que potencialmente desencadearia a harmonização.

De facto, como vemos logo pelo primeiro exemplo de realização de [uj], a harmonização nunca poderia ser regressiva, uma vez que a vogal que se segue é [e], que em circunstância estar em harmonia com um [u].

(7) Transcrição fonéticas dos enunciados obtidos a partir de amostras áudio.

Freguesia	[ij]	[uj]
Jardim da Serra	disi ’tije:	mẽw̃’zujne
	gẽ’lije	pur ’ujsu
	ẽgu ’tije	ẽgu ’tije
Estreito de Câmara de Lobos	’ere’ mijlu	ordnadu’zujnu
	me’rijmu	bu’lujnu
	ẽj’krijzi	pur’fũj
Câmara de Lobos	so’zijne	su’bru nu
	ʃkõ’dijdu	ʃkõ’dujdu
	pu’dije	dur’mũjdu
Ribeira da Janela	’afuk’sĩj	ũ’duje
	u’me’fijlu	u’fujlu
	fe’zije	u’vuju
Santa do Porto Moniz	pẽr’tijdu	pus’ẽju
	pu’lijsje	mõw̃’zujne
	’de t’sijtju	ku’majgu
Ponta Delgada	e’ miju	u’pujku
	pẽ’drijnu	ku’mu de
	de j’ mijne	pur’suj

Boaventura	u m'niɲnu	spo'ruju
	mɐ'driɲɐ	kumɐju
	'ɛ'liɲsu	u'vuɲnu
Achadas da Cruz	'ɛɛ'rɲiku	tru'ruɲstɛ
	dɛkiɲ	ku'zuɲɐ
	fɾɛg'ziɲɐ	bu'nuɲtu
Porto Santo	al'ẽɲ'diɲsu	DADOS INSUFICIENTES
	vi'diɲɐ	
	ɛli'griɲɐ	

Notamos, imediatamente, que este acontece apenas ao nível das vogais, visto que o ditongo [uj] pode ser antecedido indistintamente por qualquer consoante, portanto, não pode ser um caso de assimilação progressiva como o de <muito>.

Na tabela, estão dentro das células, limitadas por linha dupla, aqueles casos que se pensava serem exceções à harmonização e, dentro das limitadas por linha tracejada, aqueles que pensámos serem relevantes para atestar a distância deixava de ocorrer este fenómeno.

Contudo, verificamos que as supostas exceções estão todas na coluna de [ij]. Simultaneamente, a realização ditongo pode [ij] parece não depender do núcleo silábico antecedente, nem da distância a que ele fica (mais do que uma obstruinte)<sup>9</sup>, mas apenas de /I/ ser núcleo de sílaba tónica. O ditongo [uj], por seu lado, só ocorre depois das vogais [u] ou [o], tendo entre ele o som vocálico anterior duas consoantes, uma delas tem de ser obrigatoriamente soante, caso contrário o fenómeno é travado.

Concluindo, não estamos então perante uma harmonização, mas diante dois fenómenos, primeiro, a ditongação em /I/ tónico em [ij] e, depois, a harmonização da vogal que constitui núcleo de ditongo.

## 5. Teorização

### 5.1. Ditongação

A ditongação de /I/ tónico nestes dialetos, ao contrário do que se pensava, não se dá diretamente numa de duas alternativas, [ij] ou [uj], mas primeiramente sempre em [ij], superficialmente falando. Assim, o que vamos analisar nesta secção são as motivações desta ditongação e o porquê de ter no

<sup>9</sup> Vejam-se os casos de [fɾɛg'ziɲɐ] e de ['afuk'siɲ].

seu núcleo uma vogal vazia.

De um ponto de vista fundamentalmente fonético, Asher & Simpson definem este fenómeno como:

Uma vogal na qual há uma mudança qualitativa durante a produção, começando numa determinada posição articulatória e movendo-se progressivamente para outra, mas funcionando como um único fonema (...)

(Asher & Simpson, 1996: 5113 [tradução nossa])

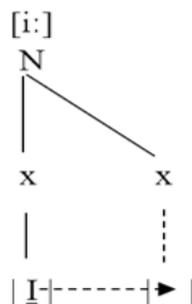
No entanto, num nível mais profundo, este ditongo não parece ser um segmento único. Na verdade, pode ser que, nestes dialetos, o núcleo da sílaba tónica apresente um espaço lexicalmente mais largo que pode, por sua vez, ser ou não preenchido por harmonização, embora este ponto ainda precise de mais estudo.

Historicamente, outras línguas românicas também apresentam ditongações de vogais tónicas. Por exemplo, no Espanhol, as vogais médias /e/ e /o/ ditongaram, mas só em posição tónica, como vemos no par [p'wɛrta] ~ [pɔr'tɛrɔ].

Segundo Llyod (1993: 193 e 195), este processo já está ativo no Latim tardio, altura em que a distinção fonológica entre vogais longas e breves se tornou fonética e passou a depender do acento de palavra. Assim, “/e/ e /o/ em sílaba tónica tornaram-se largas, como todas as outras vocais acentuadas” (idem: 207), mas, deixando de haver vogais longas, a sua “largura” passou a ser representada pela ramificação de núcleo silábico, ou seja, pela formação de um ditongo.

As vogais longas, no entanto, apesar de puras, no sentido em que não mudam a sua qualidade durante a articulação (Trask, 1996: 297), são, na verdade, um monotongo, uma vez que ocupam autosegmentalmente duas posições, o que reforça a nossa afirmação anterior de que esta ditongação se dá já num nível lexical e que é ainda assegurado e explicado pela Fonologia dos Elementos.

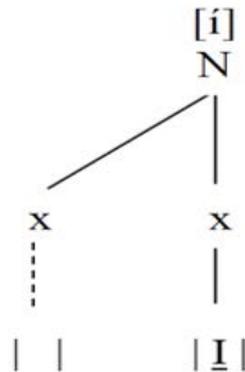
(8) Backley, 2011: 48



O exemplo dado por Backley tem por base as vogais longas ainda existentes no Inglês, mas que se adaptaria perfeitamente à descrição das mesmas do latim, que, como vimos, numa fase tardia, apenas as mantinha em posição tónica.

Contudo, não nos querendo comprometer para já com questões diacrónicas, apresentamos em (9) um esquema daquilo que, aparentemente, acontece nos dialetos em análise:

(9)



Conforme a nossa proposta, o facto de ser acentuada abre mais uma mora no núcleo tónico, mas não há propagação do elemento vocálico, como acontecia em Backley (2011: 48). Portanto, não havendo harmonização, essa posição é preenchida por uma vogal vazia de elementos, como acontece em todas as realizações de [i] como [ij], sempre que a sílaba precedente é preenchida por um núcleo [o, u, õ, ã] (ver tabela da secção 4.2).

## 5.2 Harmonização vocálica

A harmonização vocálica é um processo fonológico autosegmental que, tal como o tom, se projeta num nível suprasegmental. Muito sinteticamente, este pode ser definido como um tipo de metafonía (Carr, 2008: 190), que consiste no acordo entre vogais em sílabas sucessivas, no que respeita a um ou mais traços (Matthews, 1997: 440).

Esta aceção, no entanto, já é um pouco mais limitada do que a de Bussmann (1996), dada na introdução do artigo, mas mesmo assim, menos estrita do que uma outra interpretação que encontramos ainda referida tanto em Carr, como em Bussman, que limita àqueles casos em que ela é “obrigatória” e consiste na dependência qualitativa das vogais dos sufixos em relação à do radical. Há ainda autores como Van Der Hulst & Van De Weijer (1995: 501-503), que, mesmo concebendo que ela possa incluir

os casos em que o processo é “obrigatório” ou “facultativo”, restringem-no ao domínio da palavra prosódica ( $\omega$ ).

Aqui, de facto, a harmonização vocálica dá-se muitas vezes ao nível da palavra prosódica, porém, não é sensível de todo, nem a categorias gramaticais (nomes, verbos, adjetivos, etc), nem à estrutura morfológica, podendo dar-se também ao nível do sintagma fonológico ( $\Phi$ ), como vemos em [u'pujku] <o pico>, [pur'fũj] <por fim> e [pur'ujsu] <por isso>, pelo que o sentido que tomamos para “harmonização vocálica” é aquele que está expresso no parágrafo introdutório desta secção.

Por outro lado, de acordo com a definição estreita, a regra de harmonização é sempre pós lexical<sup>10</sup>, como na maioria das palavras em estudo, por exemplo, [ɔrdnadu'zujnu] <ordenadozinho>, [dur'mũjdu] <dormindo>, [u'vuju] <ouviu>, entre outros. Todavia, há também alguns casos em que a regra age num nível lexical, como em [ku'zujnɐ] <cozinha>, [bu'nujtu] <bonito> e [su'brujnu] <sobrinhos>.

Em todas as línguas em que há harmonização vocálica, há pelo menos uma “propriedade ativa”, responsável pela harmonia entre a vogal-alvo e vogal-gatilho, que, neste caso, é o traço [arredondado] e não o [recuado], que podem parecer redundantes nos casos [uj], mas que não o é no caso de [uj], em que há apenas arredondamento. Daí que, em todas as enciclopédias de linguística, se distinga “harmonização por recuo” de “harmonização por arredondamento”. Porém, a literatura tipológica (Asher & Simpson, 1996: 4956), refere casos de línguas, como o do Turco, nos quais as vogais harmonizam simultaneamente quanto ao recuo e ao arredondamento, havendo, por sua vez, outras línguas em que apenas uma destas propriedades ativas; trata-se de algo especialmente importante no casos das línguas com harmonização por arredondamento, pois:

A harmonização que envolve o traço arredondado, geralmente, não opera de mesma forma que as harmonizações que envolvem outros traços vocálicos: não é comum encontrar línguas nas quais as palavras tenham apenas vogais arredondadas ou vogais não arredondadas (...) Este tipo de harmonização normalmente acontece como um subsistema de um sistema de harmonização mais alargado (...) típica, [mas não obrigatoriamente], a harmonização por arredondamento só acontece se a vogal-alvo e a vogal-gatilho estiverem à mesma altura (...) Factos como este exemplificam o que é conhecido como harmonização ‘parasitária’. [Para além disso], quase exclusivamente, as vogais não arredondadas se tornam arredondadas, mas não vice-versa; isto é, o traço [+arr] propaga-se assimetricamente.

(Asher & Simpson, 1996: 4956)

Contudo, se fosse o traço [+arr] ou até mesmo a propriedade unária [labial] a relevante para

**10** Reveja-se a figura (5) na secção 3- Enquadramento teórico.

desencadear a harmonização, então sempre que o núcleo silábico precedente fosse preenchido [u], [o] e [ɔ], o ditongo resultante da harmonização seria [uj] ou [ɔj], o que não acontece. Todavia, à luz da Fonologia dos Elementos, vemos qual a característica comum a [u] e [o] de que [ɔ] não partilha, isto é, o elemento |U| à cabeça.

No entanto, o resultado da harmonização não se cinge a uma possibilidade de realização, mas a três diferentes:

- i. [uj]= {|U,U|vogal tónica ∅ |I, I|glide};
- ii. [ɥj]= {|U,@|vogal tónica ∅ |I, I|glide};
- iii. [ij]= {|@,@|vogal tónica ∅ |I, I|glide}.

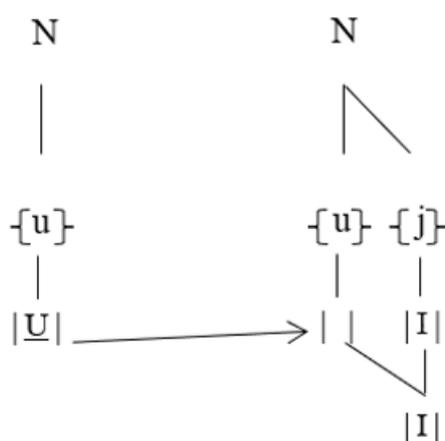
Para o caso de [uj], propomos que haja uma HVP total do elemento em cabeça da vogal anterior por parte da vogal fonologicamente vazia, como aliás se passa em Turco:

Na harmonização vocálica do turco, |I| numa vogal da raíz estende-se-se para a vogal do sufixo. Assim, por exemplo, a vogal do sufixo de genitivo singular [i] é fonologicamente vazia, mas, sob o processo de harmonização, ela copia o |I| da vogal da raíz e é reinterpretada como [i].

(Backley, 2011: 35 e 36)

Portanto, numa realização como [su'brujnuʃ], a HVP pode ser representada da seguinte forma:

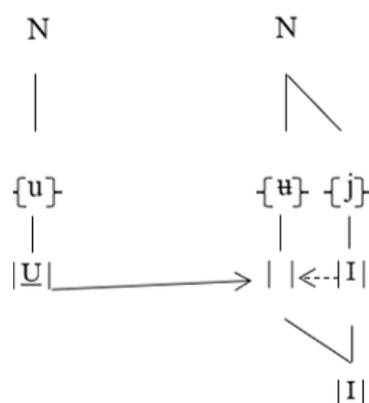
(10) [su.'bruj.nuʃ]<sub>o</sub>



E como se explicaria uma realização como [ɥj]?

Pode haver diferentes explicações, mas a que julgamos ser a mais plausível é que, neste caso, para além da HVP desencadeada pelo elemento |U|, haja uma assimilação regressiva parcial desencadeada pelo elemento |I| presente na glide adjacente [j]; algo não raro no português, não só nos verbos, como já demonstramos, mas também nos nomes, como se verifica, por exemplo, na evolução histórica da palavra “leite”, ou seja, lacte>\*laite>leite. Dado que os elementos |U| e |I| são assimétricos, esta assimilação faz com que o operador |U| da vogal resultante da harmonização seja apagado, resultando em [u]=|U,@|.

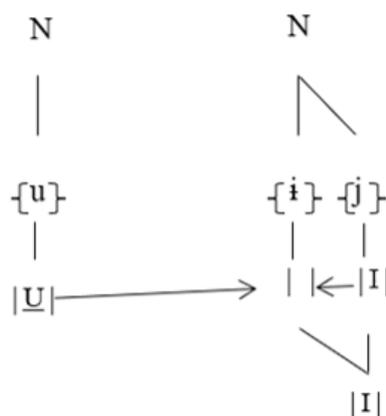
(11) [ku'muju] <sub>o</sub> <comiam>



Finalmente, consideramos que a permanência do ditongo [ij], nas realizações [pu'ljɨsjɐ] <polícia>, [pu'dijɐ] <podia> e [u m'niɨnu] <o menino> **não seja** uma exceção à regra de harmonização.

De facto, podemos conjecturar que neste caso estão totalmente ativos os dois processos assimilatórios: a HVP e a assimilação regressiva, fazendo com que os elementos |U| e |I| se neutralizem mutuamente:

(12) [pu'ljɨsjɐ] <sub>o</sub> <polícia>



## Conclusões

Neste breve estudo, demonstramos existência e analisamos o funcionamento de um fenómeno pela primeira vez documentado no PE e, muitíssimo raro, mais do que no românico, no panorama das línguas indo-europeias - a HVP.

Tal processo, neste caso, é possível graças à presença de uma vogal vazia de elementos, | |, que existe como consequência da abertura duas moras na rima da sílaba tónica dos dialetos madeirenses ocidentais.

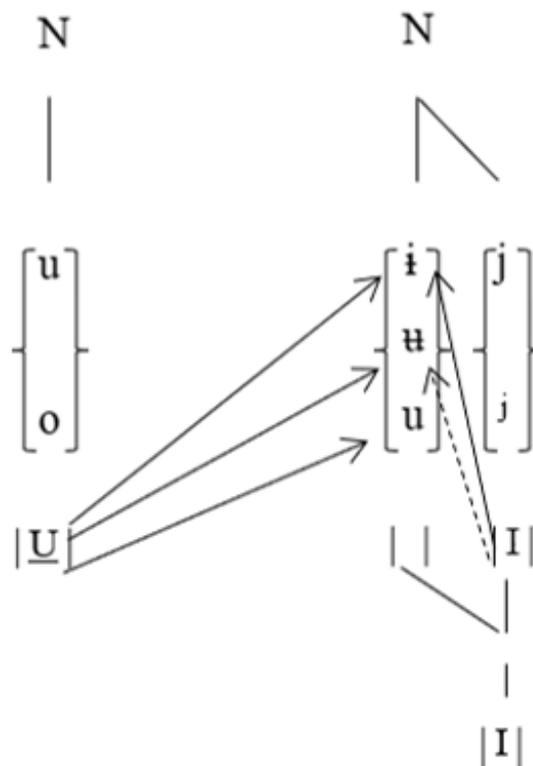
Concluimos, também, que há um primeiro comportamento assimétrico dos elementos |U| e |I|, visto que apenas |U|, em posição de cabeça, pode desencadear a HVP.

Por outro lado, dado que há três diferentes realizações de superfície resultantes da harmonização, propomos que, por vezes, a assimilação regressiva estava ativa ao mesmo tempo que a HVP, ou seja:

- i. Se só houver HVP, então tanto a cabeça como o operador da vogal vazia são preenchidos com |U|: |U,U|;
- ii. Se houver assimilação regressiva parcial para além da HVP, então o comportamento assimétrico dos elementos apaga o |U| que está na posição de operador: |U,@|;
- iii. Se houver assimilação regressiva total para além da harmonização progressiva, então os elementos |I| e |U| anulam-se, deixando vazias as posições de núcleo e de operador: |@,@|;

Esta proposta parece-nos a mais adequada uma vez que será difícil defender que a harmonia progressiva, desencadeada por | U |, se torna parcial em realizações como [ 'ɥj] e é totalmente inibida para explicar resultados como [ 'ij], uma vez que, durante o tratamento dos dados, notamos que nesses dialetos, a HVP é tão produtiva processar que afeta regularmente não só /i/ tónico, mas também /a/, que é realizado como [ 'ɒ] quando precedido por núcleos silábicos [u ou o], que terá de ser, ulteriormente, sujeito a um estudo mais aprofundado. Assim, representamos autosegmentalmente o processo da seguinte forma:

(13)



Em suma, através da análise aqui feita, que parte das realizações fonética intuitivas dos falantes para níveis de análise, quer autossegmental, quer prosódica, concluímos que no PE, a HVP não é um processo assim tão excecional, estando inclusive ativo pelo menos nalguns dialetos e que, ao contrário de em muitas outras línguas, não se dá apenas ao nível de  $[\sigma\sigma\sigma]_{\sigma}$ , mas também ao nível de  $\Phi$ , não estando dependente da morfologia, mas sim, exclusivamente, da fonologia.

## REFERÊNCIAS

Angoujard, J. (2003). Phonologie et diachronie. In J. Angoujard et al. (ed.). *Phonologie: Champs et perspectives*. Lyon: ENS Editions, 173-194.

\_\_\_\_\_ (2006) *Phonologie Déclarative*. Paris. CNRS Editions.

Asher, R. & Simpson J. (eds.). (1994). *The encyclopedia of language and linguistics*. Great Britain: Pergamon Press.

Backley, P. (2011). *An introduction to Element Theory*. Edinburgh: University Press.

- Boltanski, J. (1999). *Nouvelles directions en phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Brandão De Carvalho, J. (1993). De quoi sont faites les voyelles? Phonologie tridimensionnelle des particules et harmonie vocalique. In B. Laks et al. (Ed.) *De natura sonorum: Essais de phonologie*. Saint Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 65-100.
- Brissos, F. & Rodrigues, C. (2016). Vocalismo acentuado do Noroeste Português: Descrição Acústica, variação dialetal e representação fonológica. *Revue Romane*, 51: 1. USA: John Benjamins Publishing Company, 1-35.
- Bussmann, H. (1996). *Routledge Dictionary of Linguistics*. Bristol: Routledge.
- Carr, P. (2008). *A Glossary of Phonology*. Great Britain: Edinburgh University Press.
- Chomsky, N. & Halle, M. (1968). *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row.
- Clements, G. (1985). The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, v. 2, 255-352.
- Ferreira, M. et al. (1996). Variação linguística: perspectiva dialetológica. Isabel H. Faria et al. (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Goldsmith, J. (1976). *Autosegmental Phonology*. Cambridge: MIT (tese de doutoramento).
- Gussnhoven, C. & Jacobs, H. (2005). *Understanding Phonology* (2<sup>nd</sup> edition). Great Britain: Hodder Arnold.
- Kiparsky, P. (1982). Lexical phonology and morphology. In Yang. *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin.
- Lloyd, P. (1993). *Del Latín al Español*. Madrid: Gredos.
- Mateus, M. & D’ Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press.

- Matthews, P. (1997). *Oxford Concise Dictionary of Linguistics*. New York: Oxford University Press.
- Mohanan, K. P. (1986). *The Theory of the Lexical Phonology*. Dordercht: Reidel.
- Rodrigues, C. (2002). Variação linguística em Porto. *Atas do encontro comemorativo dos 25 anos do CLUP*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 419-432.
- Rogers, F. (1946). Insular Portuguese Pronunciation: Madeira. *Hispanic Review*, 14 (3). Filadélfia.
- Schane, A. (1984). The Fundamentals of Particle Phonology. *Phonology Yearbook*. v. 1, 129-155.
- Segura Da Cruz, M. & Saramago, J. (1999). Açores e Madeira: autonomia e coesão dialetais. *Lindley Cintra Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos, 707-738.
- Scheer T. (2004). *A Lateral Theory of Phonology*. Berlin, Boston: De Gruyter.
- Silva, M.. (1994). *O falar de São Vicente: descrição do sistema vocálico*. São Vicente: Câmara Municipal.
- Trask, R. (1996). *A Dictionary of Phonetics and Phonology*. London: Routledge.
- Van Der Hulst, H. & Van De Weijer. (1996). Vowel Harmony , John Goldsmith (ed.). *The handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell.
- Veloso, J. 2012. Vogais centrais do português europeu contemporâneo: Uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos. *Letras de Hoje*, 47 (3), 234-243.
- Xavier, M. & Mateus, M. 1990. *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa: Edições Cosmos.